

# **EXCLUSÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA NEOLIBERAL:**

## **Ignorância, Conivência ou Lucro**

*Eduardo Getão<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia, Licenciado em Filosofia, Mestre em Ciências da Religião. Professor e Coordenador Acadêmico da Faculdade Teológica Batista do Paraná. Pesquisador do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião.

## RESUMO

O texto tem por objetivo observar o fenômeno da exclusão social na perspectiva neoliberal e provocar uma reação diante da indolência da sociedade e mais especificamente na área educacional e eclesiástica. Despertar para um universo caótico social despercebido pelos vários segmentos em detrimento de realizações pessoais. Abordar o fenômeno numa observação de que a exclusão social gera a impossibilidade de poder partilhar o que leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão com violência de um conjunto significativo de pessoas, por isso, uma exclusão social e não individual. Mostrar que existe um universo interpretado de forma dinâmica com alternativas ou ideias carregadas de humanismo e desafiadoras de qualquer instalação mental, do desânimo, inibição e covardia, largamente colocada na sociedade e também nas igrejas. Apresentar que a injustiça e o sofrimento do excluído são pertinentes ao seu convívio social. A responsabilidade é coletiva na luta pela amenização e solidariedade nos relacionamentos sociais. A exclusão social deve ser o alvo de exortação, reflexão e ação, mais especificamente na área educacional e nas igrejas.

**Palavras chave:** exclusão social, neoliberal, sofrimento, solidariedade, educação, igrejas.

O tema exclusão permeia em todos os segmentos da sociedade. Ele aparece de várias formas e algumas vezes revestido com uma capa de piedade, na tentativa de apresentar um disfarce para ocultar a face de uma crueldade despercebida. A exclusão permite uma retórica de diferentes qualidades. Parte de uma desigualdade oriunda da deficiência física, falta de espaço no convívio social, rejeição da sociedade, injustiça social, exploração independente de um grupo socialmente organizado.

A exclusão não pode ser observada apenas como uma questão individual, mas numa abrangência social. O mundo contemporâneo proporciona a fundamentação para o foco da exclusão no âmbito universal. O processo da exclusão caminha no percurso ascendente, ou seja, atinge a todas as camadas sociais. Existem várias causas que proporcionam a exclusão na sociedade. Pode-se citar entre elas, o crescimento desordenado das cidades, o sistema educacional enfraquecido pela uniformidade e inadequa-

ção, a qualidade profissional que gera constantes mudanças na moradia, as diferenças de renda e o acesso aos serviços essenciais.

A exclusão não deve ser apenas atribuída àqueles que estão vivendo a desgraça da pobreza real, muitas vezes rejeitados fisicamente, geograficamente. A prática é abrangente porque existe a anulação de valores que não são reconhecidos, como por exemplo, valores espirituais e culturais. A pobreza não significa necessariamente uma exclusão, no entanto, pode ser um meio pelo qual isso aconteça. A pobreza é percebida através de um fenômeno multidimensional envolvendo uma população empobrecida pela precária inserção no mundo do trabalho. Não é resultado somente da ausência de renda, mas também a falta de acessibilidade aos serviços públicos e a ausência de poder, provocando uma reação a ser analisada a partir do espaço democrático. A fragilidade dos laços no mundo das relações sociais, abrem as rupturas que proporcionam isolamento social e consequentemente à solidão. Para esse fenômeno um conceito de apartar em vez de discriminar:

A apartação social: proposta por Cristóvão Buarque designa um processo pelo qual se denomina o outro como um ser “a parte”, (apartar é um termo utilizado para separar o gado), ou seja, o fenômeno de separar o outro, não apenas como desigual, mas como um “não semelhante”, um ser expulso não somente dos meios de consumo, dos bens, serviços, etc., mas do gênero humano. É uma forma contundente de intolerância social.<sup>2</sup>

A exclusão é entendida pela fenomenologia e também pela interpretação a partir do excluído. Assim, a desigualdade social provoca uma sociedade dupla em que se encontram as mesmas coisas, as mesmas ideias individualistas, a mesma competição com uma diferença, as oportunidades são totalmente desiguais. A imagem que o ser humano tem de si próprio, encontra-se ligada àquela do grupo que pertence, o que conduz a defender os valores ligados a ele. Essa proteção incitaria a diferenciar e, em seguida, a desqualificar, vindo a excluir todos aqueles que não estão nele. A desqualificação social corresponde a uma das possíveis formas de relação entre a população designada como pobre e o resto da humanidade. A essa situação de pobreza também acontece na

2 NASCIMENTO, E. P. *Modernidade ética: um desafio para vencer a lógica perversa da nova exclusão*. Rio de Janeiro: FASE, 1995, p.25

ruptura dos vínculos sociais, quando cessam todos os tipos de ajuda e as pessoas enfrentam problemas em todas as áreas. Elas saem do convívio social e passam a enfrentar situações de marginalidade em que a miséria torna-se um estilo de vida.

A exclusão provoca vários tipos de situações àqueles que estão vivendo a apartação social. Entre eles pode se destacar: falta de moradia, afastamento do mercado de trabalho, problemas de saúde, rompimento com a família, ausência da educação e descrédito social. A desqualificação social pode ser caracterizada pelos sucessivos fracassos gerando a falta de esperança para encontrar uma saída. Gera um sentimento de inutilidade para a coletividade e exclusão da sociedade. Essa situação evidencia a extensão dessa postura colocada por uma sociedade capitalista neoliberal:

A exclusão social é o fruto amargo da sociedade moderna, apesar dos tantos avanços em seus vários setores. Não se trata apenas de uma exclusão do mundo do trabalho, considerada uma das conseqüências mais duras do capitalismo neoliberal, através do fenômeno do desemprego, mas também da exclusão dos outros bens básicos: saúde, educação, alimentação, moradia, terra, lazer, etc. Trata-se de exclusão da dignidade humana, criando uma enorme massa de descartáveis, os sem-nada.<sup>3</sup>

A desigualdade social, econômica e política na sociedade, apresentam uma incompatibilidade com a democratização da sociedade. Por decorrência, tem se falado da apartação social. A discriminação pode ser econômica, cultural e política, além de étnica. Este processo deve ser entendido como exclusão, Isto é, uma impossibilidade de poder partilhar o que leva à vivência da privação, da recusa, o abandono e da expulsão, com violência, de um conjunto significativo da população, por isso, uma exclusão social e não individual. Não se trata de um processo individual, mas de uma lógica encontrada em várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas. Esta situação de privação coletiva é que se está entendendo como exclusão social. Ela inclui pobreza, discriminação, subalternidade. Ela proporciona injustiça, inacessibilidade e o silêncio público.

Silver defende que, subjacente à questão da exclusão, está uma concepção sobre como cada sociedade observa a ordem social. Algumas

3 SELLA, A. *Globalização neoliberal e exclusão social*. São Paulo: Paulus, 2002, p.13.

sociedades se vêem como um todo solidário; outras como agregados de indivíduos automatizados que se relacionam através do mercado; outras permeadas por conflitos de grupos defendendo seus próprios interesses, excluindo os demais. Ele sugere três formas diferentes para se entender a integração social, denominando-as: paradigma da solidariedade, paradigma da especialização e paradigma do monopólio.

No paradigma da solidariedade, a exclusão é vista como quebra de vínculo social entre indivíduos e sociedade, em que o Estado tem a obrigação de ajudar na inserção dos excluídos. No paradigma da especialização, a exclusão é um reflexo da discriminação e, não haveria exclusão caso os excluídos pudessem transitar livremente pelas categorias sociais, sendo esta uma obrigação do Estado. No paradigma do monopólio, a exclusão seria a conseqüência da formação de monopólios dos grupos sociais. Essa desigualdade seria amenizada pela cidadania social democrática, que proporcionaria à participação de todos na sociedade constituída. Cada paradigma criaria uma concepção diferente de exclusão e provocaria à sociedade responsabilidades diferentes no que concerne à inclusão e a envolveria num processo de mudanças, as quais afetariam as condições materiais das pessoas, afetadas pelas transformações sociais e econômicas vigentes.<sup>4</sup>

Tratar de exclusão social é abrangente. Ele envolve um sistema social. Excluídos são aqueles que sobram no sistema formal, os que não cabem na sociedade oficial, os inúteis, os desnecessários. O excluído começa por ser excluído do mercado formal, não consome (produtos para atender as suas necessidades básicas) e não vende (nem mesmo o que tem de melhor, sua força de trabalho). Essa é a exclusão fundamental e determinante da exclusão social mais ampla. Assim, a exclusão econômica pode ser um agente para a exclusão social.<sup>5</sup>

Na perspectiva de Adriano Sella, existem várias causas que provocam o fenômeno da exclusão social. Na sua obra, *Globalização neoliberal exclusão social*, ele aponta os mais comuns que fazem emergir o fenômeno da exclusão. O primeiro, o trabalho precário no aspecto formal que provoca a perda dos direitos trabalhistas. Trabalhadores sem carteira profissio-

4 DUPAS, G. *Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.18.

5 BOFF, C. *Como trabalhar com os excluídos*. São Paulo: Paulinas, 1997.

nal com trabalho sem vínculo empregatício com a ausência dos direitos e privilégios do empregado. Em segundo, o desemprego crescente, que é estrutural, oriundo do sistema capitalista neoliberal, porque exclui do mercado formal através da automação, descartando a mão-de-obra e desempregando mais trabalhadores. O trabalho informal é outro aspecto da exclusão, o qual é uma economia de sobrevivência gerada pelo desemprego. É o emprego sem registro, sem pagamento de impostos e sem garantias. Em quarto, a miséria moderna que é conseqüência do processo moderno da produção de riqueza. Para o autor, o capitalismo neoliberal gera os mais pobres do pobres, os miseráveis, os excluídos absolutos, os sem nada, os descartáveis. Em quinto, a eliminação física dos excluídos, que acontece através da morte “matada ou morrida”. A morte “matada” é quando o pobre acaba sendo massacrado pela violência dos ricos poderosos, são eliminados. A morte “morrida” acontece porque o excluído não tendo condições de viver, entra em deterioração física através da fome e doença gerando finalmente a morte. Em último, apartação social para os pobres que não podem ser eliminados. São aqueles colocados fora do lugar social dos ricos, segregados em lugares afastados, onde não podem ser vistos e nem interagidos.<sup>6</sup>

O cientista social, Hinkelammert, fez uma crítica a dominação ocidental, que comparou o mundo neoliberal ao Lúcifer e a Besta, figuras bíblicas do livro do Apocalipse, para provocar uma reação diante do sistema demolidor da sociedade. Não se pode pensar que é preciso melhorar ou reformar o sistema. A estrutura de opressão e exclusão é profundamente ruim. Pensar numa alternativa ou um sistema que coloque a vida acima dos interesses neoliberais, ou seja, a humanidade como primazia acima de quaisquer atitudes econômicas, políticas, culturais e religiosas. Conforme o autor acima citado, provocar uma reflexão e quebra dos paradigmas:

O ocidente realizou sacrifícios, continua realizando-os e tem de prosseguir, para que os sacrifícios passados mantenham seu sentido. Isso leva a uma expansão frenética do mercado como uma esfera pretensa da humanidade. Quanto mais o mercado viola os direitos humanos, tanto mais se tem de expandir este mercado para que as violências resultantes dos direitos humanos continuem aparecendo como passos necessários no caminho rumo à humanização por meio do mercado (...)

Todo este círculo sacrificial, e, por conseguinte, a legitimação da sociedade burguesa, desmorona no caso de se precisar deter essa expansão do mercado, pelo fato de que sua lógica leve à destruição do homem e da natureza. Um desmoronamento deste tipo exigirá uma reconstrução da sociedade. Não se trataria de uma adaptação pragmática, mas, efetivamente, da desocidentalização da sociedade.<sup>7</sup>

O sistema neoliberal é um dos responsáveis da exclusão social. Ele é um sistema econômico imposto à humanidade através de sua política e de seu horizonte cultural religioso. É uma ideologia fundamentada na estruturação de uma economia voltada exclusivamente à vantagem individual ao lucro, colocando tudo num aspecto instrumental e transformado qualquer ser vivo em simplesmente em mercadoria. O objetivo do lucro legitima a possibilidade de explorar, violentar e destruir a humanidade, bem como o meio ambiente. No sistema neoliberal o bem real é individual. Não existe o bem comum na forma comunitária. Ele acontece através do bem privado. O instrumento para alcançar a vantagem individual é o mercado livre. O Estado jamais interfere e a única lei é a demanda e oferta sendo o centro dessa relação comercial na sociedade.

O neoliberalismo para sobreviver exige que a política esteja a serviço do lucro e não a serviço do bem comum. A cultura deve transformar o ser humano num grande consumidor. O homem, para ser reconhecido como valioso na sociedade, deve ser competitivo e explorador ao máximo dos recursos. A ética é colocada a partir de um conceito extremamente perigoso, o fim justifica os meios. Isso provoca o massacre da sociedade diante de que o lucro é a instrumentalização como fim para as realizações pessoais daqueles que possuem o controle do poder econômico em qualquer dimensão. A religião tem como Deus, o ídolo do capital que tem o coração do lucro, criando a espiritualidade da prosperidade que alimenta a busca da riqueza gerando um fundamentalismo religioso. Assim, desvaloriza a sobriedade de vida e o equilíbrio social que são fundamentais para a partilha e justa distribuição dos bens. Mesmo a teologia da prosperidade se torna uma realidade religiosa que inevitavelmente realizaria fartura ou riqueza para poucos, porque está a serviço de um sistema que é excludente. A concentração do lucro está

7 HINKELAMMERT, F. J. *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental: Lúcifer e a Besta*. São Paulo: Paulus, 1995, p.40-41.

nas mãos de um grupo minoritário, que prega e divulga essa teologia, na perspectiva de lucratividade sobre os fiéis que adentram para as comunidades, com a expectativa de serem abençoados materialmente.<sup>8</sup>

Na legitimação da exclusão, é necessário encontrar um culpado sobre quem descarregar o problema da marginalização. O excluído sempre será a vítima. O culpado não é um sistema, baseado em relações excludentes, que produz milhares de excluídos ao longo da história humana. No espaço da ideologia liberal, não existe qualquer possibilidade para o social. O homem é definido como um único indivíduo que não tem nada a ver com os outros. Ele é o único responsável pelo êxito ou fracasso dentro desse sistema social. O vencedor é legitimado e o vencido é o excluído.<sup>9</sup>

Existe um sentimento de medo que permeia a sociedade diante da ameaça da exclusão. O número dos excluídos e algumas atitudes teóricas tem aumentado assustadoramente. Não é necessário quadros estatísticos para essa análise. Através da imprensa, das escolas, da sociedade e outros espaços sociais, se percebe essa triste realidade no mundo contemporâneo. A noção de exclusão está tendo o destino da maior parte dos termos consagrados atualmente pela mediocridade das modas intelectuais e universitárias. A leitura da imprensa é particularmente instrutiva desse ponto de vista, pois, ela é mais do que o espelho da sociedade. Assim, mesmo os pesquisadores da questão chegam à conclusão que do ponto de vista epistemológico, o fenômeno da exclusão é tão vasto que é quase impossível delimitá-lo.

Os excluídos são todos aqueles que são rejeitados dos mercados materiais ou simbólicos dos valores sociais. Existem valores e representações do mundo que conscientemente ou inconscientemente acabam excluindo pessoas. Os excluídos podem ser todos aqueles que são rejeitados ou discriminados em todos os segmentos da sociedade. Infelizmente existe uma parcela da população que ignora que as vítimas da exclusão, as quais sofrem por essa condição, também são pessoas injustiçadas pela sociedade, que provoca a exclusão social.

Percebe-se uma separação entre sofrimento e injustiça. Para os

8 SELLA, A. *ibidem*, p. 49-50.

9 GUARESCHI, P. A. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, B. (org) **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2007, p.154.



vitimados da exclusão, o sofrimento é evidente, mas não causa uma reação política. Pode justificar compaixão, piedade e caridade. Não provoca necessariamente indignação ou apelo à ação coletiva. O sofrimento desperta um movimento de solidariedade e de protesto, quando se estabelece uma associação entre a percepção do sofrimento alheio e a convicção de que esse resulta de uma injustiça. Quando o sofrimento não provoca a percepção, a mobilização com uma ação política é inexistente, ignorado a questão mais séria, a injustiça.

Aqueles que dissociam a percepção do sofrimento do outro do sentimento de indignação causado pelo reconhecimento de uma injustiça, geralmente tomam uma postura de resignação. Assim, não existe injustiça, mas um fenômeno sistêmico, econômico, sobre o qual não se poderia exercer nenhuma influência. Acreditar ou desacreditar, não é algo que dependa de uma percepção. É uma questão da justiça ou injustiça implicada antes de tudo na postura da responsabilidade pessoal. A exclusão social sem uma mobilização política contra a injustiça deriva de uma dissociação estabelecida entre a adversidade e injustiça, sob o efeito da “banalização do mal” no exercício de atos civis comuns por parte dos que não são vítimas da exclusão e que contribuem cada vez mais com o aumento dos excluídos na sociedade.<sup>10</sup>

Na perspectiva de combate à exclusão social, ainda existe vários desafios a serem vencidos para garantir o exercício da cidadania, possibilitando a autonomia para as(os) cidadãs(os), rompendo a opressão, a discriminação e a subalternidade na sociedade constituída.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

### **AGENTES DA ESPERANÇA – EDUCAÇÃO:**

A exclusão social é um tema preocupante e deve ser observado por todos os segmentos da sociedade, com o objetivo de restaurar a dignidade daqueles que vivem debaixo desse estigma, designado por uma minoria na busca dos seus próprios interesses. “O que será dos pobres e excluídos se não fecundarmos os novos tempos com gestos e sinais concretos de esperança?”<sup>11</sup>

10 DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p.19.

11 AMERÍNDIA. (org.). *Globalizar a esperança*. São Paulo: Paulinas, 1998, p.10.

As mudanças e transformações do modelo social acontecem quando existe a esperança daqueles que acreditam na possibilidade de outro ou novo mundo. A esperança é a possibilidade do despertar da possibilidade da transformação. A esperança consegue fazer o impossível tornar-se realidade. Ela motiva o acreditar em algo que humanamente não existe mais solução. Para a esperança, a utopia que vira história e se afasta finalmente do reino dos sonhos para encarnar-se na vida da humanidade.

Uma vida medíocre pode ser comparada como uma vida sem esperança, ou seja, a gestação de uma situação real, a submissão ao poder e ao sistema em ação. A falta da esperança produz uma vida funcional às forças dominadoras impedindo de ter a capacidade de gerar o novo, o diferente, o sonhado. A rotina e esvaziamento de uma pessoa, um sistema, uma situação é proporcionado na falta da esperança. Como enfrentar a exclusão social que está em vigência e até executado como um sistema de padrão com nomes diferentes?

Os movimentos sociais estão lutando através da esperança do possível, carregando o peso da realidade e estão alimentando a luta, as reivindicações e a resistência para conseguir transformar a realidade, alcançando os direitos dos excluídos lutando por uma conquista de um novo modelo social. Diante dessa esperança que produz a resistência e a luta dos pequenos excluídos, o sistema excludente preocupado com a manifestação popular e o medo de perder o domínio sobre os pequenos, tenta disseminar uma doutrina da resignação:

Grassa na cultura de hoje um novo determinismo, extremamente infausto aos pobres. De fato, os processos em curso: primazia do mercado, globalização, avanço tecnológico, são apresentados como inexoráveis: nada haveria a fazer, senão adaptar-se. É o fatalismo do pensamento único. Essa ideologia, extremamente funcional ao capitalismo neoliberal, é uma doutrina da resignação. É para os últimos, a ideologia do desespero.<sup>12</sup>

Para superar a doutrina da resignação, uma ideologia pessimista, cultura do desespero e essa teologia da inevitabilidade, é imprescindível trabalhar com seriedade a educação à esperança. O pedagogo brasileiro, Paulo Freire, com propriedade que lhe é peculiar, desenvolveu a pedagogia da esperança, com o compromisso de resgatar a luta pela sobrevivên-

12 BOFF, C. **Uma igreja para o próximo milênio**. In Revista Vida Pastoral, novembro-dezembro de 1997, p.14.

cia, diante da opressão que produzia o desespero:

Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas sem o embate a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de certa educação da esperança. É que ela tem uma tal importância em nossa existência, individual e social, que não devemos experimentá-la de forma errada, deixando que ela resvale para a desesperança e o desespero.(...) Consequência e razão de ser da inação ou do imobilismo.(...). Uma das tarefas do educador e/ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos, e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo.<sup>13</sup>

A educação possui a sensibilidade e competência para quebrar paradigmas e provocar a reflexão perante situações experienciais da sociedade. A esperança na vida de um educador pode desenvolver o potencial cognitivo. Que o terceiro milênio não somente aperfeiçoe a tecnologia, mas também desenvolva um potencial para dar a concretização do sonho a sociedade, inclusão e valorização do homem.

## **AGENTES DA ESPERANÇA – RELIGIÃO:**

As religiões e as igrejas possuem diretrizes fundamentais para direcionar a sociedade na realização de um mundo restaurado. “E a religião em si? Apesar de todos os fracassos individuais ela pode ser útil para encontrar o sentido último, para manter a identidade pessoal e para legitimar e concretizar um agir fundamentalmente reto.<sup>14</sup> As igrejas possuem uma função peculiar, insubstituível, no processo de restauração da sociedade. O cristianismo através das igrejas a partir da bíblia se encontra subsídios suficientes para trabalhar a preocupação de Deus com o povo excluído e a valorização do homem numa sociedade decaída.

No livro de Êxodo, encontra-se a narrativa com elementos essenciais, que

13 FREIRE, P. *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1994, p.11.

14 KUNG, H. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.468.

definem o chamamento da humanidade ao encontrar Deus enviando Moisés para libertar o seu povo sofrido, que estava sendo oprimido pela violência do Faraó. O fato manifesta a compaixão de Deus para com o povo oprimido. É uma percepção da indignação de Deus pela atitude excludente e opressora que o seu povo estava vivendo no Egito. Deus viu, ouviu e agiu através das ferramentas à sua disposição. Deus também se revelou através da pessoa de Jesus evidenciando sua proximidade à humanidade que, por isso, entrou nesse mundo através da encarnação na história da humanidade. Os evangelistas revelaram que Jesus estava sempre ao lado dos excluídos, marginalizados, pobres e abandonados. A presença de Jesus no ordinário da vida do seu povo, conseguiu mudar radicalmente a vida das pessoas. Ele nunca abafou os gritos dos pequenos e sofridos, como outros faziam. A atitude de Jesus sempre foi de proximidade à humanidade sofrida. Ele teve compaixão das multidões cansadas e abatidas pelo sistema político e religioso da sua época. Esse foi o viés condutor de toda a ação de Jesus quando ele percorria as cidades e povoados, pregando a boa notícia do Reino dos Céus. “A Bíblia nos revela a presença de um Deus ligado aos ausentes da história. Àqueles aos quais se quer fazer calar, mas com os quais o Senhor deseja estabelecer diálogo”.<sup>15</sup>

258

As igrejas, que conhecem mais de perto o povo sofrido, podem e devem colaborar porque elas têm a capacidade peculiar de deslumbrar e revelar o horizonte último de sentido da vida e da história, destacando e ensinando os verdadeiros valores à vida. Elas também lembram que Deus é absoluto e que o resto é relativo e subordinado a Ele que pode dar plenitude à vida e sabedoria para os homens. O Deus da vida que dá sentido verdadeiro à história humana, defendendo-a e levantando-a para encontrar a transparência e a beleza da verdade, da justiça e da paz. Através das Igrejas é possível uma conscientização do que é terreno inserir no contexto global da vida, correspondendo a uma escala de valores, segundo normas essenciais de validade incondicional, segundo padrões inegociáveis. As Igrejas oferecem convicções e valores básicos, fundamentações teológicas, motivações profundas e normas últimas para a conduta do homem. Tudo isso é fundamental para resgatar e fortalecer a dimensão do agir social.

Outra contribuição das Igrejas é a respeito da dimensão mística, porque a religião é ligada ao mistério da vida que é Deus. A busca de Deus pela experiência e a prática da mesma, transforma o homem num militante

da justiça, da paz, da solidariedade e da igualdade. A experiência religiosa é uma dimensão importante para alimentar a caminhada social rumo a restauração. Para os cristãos, a esperança e a insubstituível fonte de amor e de vida, é Deus. Assim, o povo cristão continua lutando, apesar de viver em meio à dor, e consegue com resistência, mudar a história. Pelo relacionamento com Deus e com isso a esperança é renovada constantemente, o povo de Deus reencontra a força para viver e lutar ante os desafios de um mundo excludente e egoísta. “No mundo em que vive, sem dúvida torna-se muito difícil para ele compreender a fecunda e criativa realidade espiritual que, sem escapismos de qualquer tipo, está surgindo a partir das lutas. Neste subcontinente, não há lugar onde se cante com mais fé, esperança e alegria o Deus vivo do que no mundo popular”.<sup>16</sup>

A missão das Igrejas não é levar o povo excluído para fora da realidade, através do místico, do emocional, da experiência religiosa com o objetivo de aliviar a amargura da vida dos excluídos e deixando, porém, tudo como está. O compromisso é trazer o povo para a realidade, na profundidade em que acontece o encontro entre Deus e a humanidade, para alimentar a caminhada, fortalecendo-a no entendimento de que a Igreja é luz e sal da terra, fermento para o crescimento do Reino dos Céus, promovendo a justiça e a paz no objetivo de uma nova sociedade. As Igrejas devem comprometer-se para fazer mudanças na sociedade.

Não se pode aceitar caladamente a injustiça, violência, exclusão, sofrimento, massacre, tortura, marginalização e apartação social. Através da Bíblia entende-se que Deus luta pelas mudanças. Portanto, as Igrejas como agentes do Reino de Deus e responsáveis pela promoção da justiça e paz entre os homens devem conscientizar que a exclusão social não condiz com a postura de Deus. Entender que a constituição da comunidade de Cristo deve representar a comunhão das pessoas restauradas, vivendo uma ética na esperança de superar as diferenças na perspectiva do Reino.<sup>17</sup> As Igrejas devem estar atentas para a história e evitar repetir os erros do passado. Quem esquece a história é destinado a repeti-la. Os homens são responsáveis pelos seus atos. No entanto, devem lutar para amenizar o sofrimento, tendo por objetivo a valorização do homem. Amor, humildade, humanismo e sensibilidade são características

16 GUTIÉRREZ, G. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981, p.328.

17 ZABATIÉRO, J. *Fundamentos da teologia prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p.100, 106.

importantes para a luta diante da exclusão social. Um mundo mais solidário a partir de pequenos detalhes na perspectiva da valorização do humano, eis o desafio da geração do mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERÍNDIA. (org.). **Globalizar a esperança**. São Paulo: Paulinas, 1998.

BOFF, C. **Como trabalhar com os excluídos**. São Paulo: Paulinas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Uma igreja para o próximo milênio**. In Revista Vida Pastoral, novembro-dezembro, 1997.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social: Pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

GUARESCHI, P. A. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GUTIÉRREZ, G. **O Deus da vida**. São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.

HINKELAMMERT, F. J. **Sacrifícios humanos e sociedade ocidental: Lúcifer e a Besta**. São Paulo: Paulus, 1995.

KUNG, H. **Uma ética global para a política e a economia mundiais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, E. P. **Modernidade ética: Um desafio para vencer a lógica perversa da nova exclusão**. Rio de Janeiro: FASE, 1995.

SELLA, A. **Globalização neoliberal e exclusão social: Alternativas...? são possíveis!** São Paulo: Paulus, 2002.

ZABATIERO, J. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.